

Escrava guineense cria o Primeiro Hospital no Novo Mundo

O início da vida colonial. Hispaniola

San Lúcar de Barameda, 1502. Uma grande frota parte para o Novo Mundo. É a maior expedição jamais realizada. Mais de 30 navios, 2500 pessoas entre as quais mulheres, sem que se conheça o seu número exato. Talvez algumas dezenas. Como a lei assim o exigia, algumas acompanhavam os seus maridos, oficiais, colonos ou soldados. Também havia viúvas e jovens raparigas que esperavam encontrar um marido rico. Fossem elas solteiras ou casadas, é sobretudo a fortuna que elas vão procurar. Ouro ou terras. O chefe da expedição Nicolás de Ovando, *comendador maior* da ordem de Alcântara, foi nomeado pelos Reis Católicos primeiro governador de Hispaniola, ilha espanhola, ou Haiti, como dizem os índios.

A chegada dos Espanhóis

Estes índios são ainda numerosos. Alguns foram vencidos aquando da revolta de 1495-1500. Outros aliaram-se aos espanhóis como a rainha Anacaona que, sucedendo ao seu irmão, reina na parte sul da ilha onde se encontra Saint-Domingue. Ovando organizou em sua honra um baile das jovens moças. Espetáculo emocionante onde essas jovens espanholas recentemente desembarcadas, executavam danças populares sobre o olhar dos chefes Índios e da sua rainha. *“Participavam na dança mais de 300 moças todas elas ao serviço de Ovando, moças casamenteiras, uma vez que ele não queria que nenhum homem ou mulher casada (ou que tivessem conhecido um homem) entrasse na dança”*, um *areyto*, dança acompanhada de cantos e coros. Trezentas jovens moças, número certamente exagerado se tivermos em conta a estimativa de Fernando Colón naquela época – logo após a conquista total da ilha: 650 pessoas entre as quais *“numerosas mulheres e crianças”*. Ou então essas jovens moças incluíam um grande número de índias. Ovando tomou disposições autorizando casamentos entre cristãos e índias e o que é mais surpreendente entre cristãos e índios *“para que uns e outros se frequentem e garantam uma descendência, e que os ditos índios se tornem pessoas racionais”*.

Mas esta concórdia aparente iria desembocar no ano seguinte no massacre dos chefes índios e da infeliz Anacaona. Por outro lado, a colónia espanhola e principalmente os recém-chegados tinham contraído febres, que se atribuía à má adaptação às comidas locais. Enorme mortalidade dos colonos não favoreceu novas partidas (já vimos o exemplo do Sevillano Arriaga) e a colonização abrandou após a conquista total da ilha. Terrível período em que paralelamente a população autóctone vai desaparecer completamente devido às doenças europeias.

É nesta época que se verifica a fundação do primeiro hospital do Novo Mundo, hospital Saint-Nicolás de Saint-Domingue, oficialmente criado pelo governador Nicolás de Ovando. Na realidade, tinha uma outra origem, que a tradição conservou. A

fundadora, uma vez que se trata de uma mulher, era de facto *“uma negra piedosa que recolhia todos os pobres que podia e tratava deles em função dos recursos existentes uma vez que não havia hospital nesta cidade”*. As doações dos vizinhos permitiram aumentar o local e até construir uma capela. Quando chegou o governador Ovando, *“um homem muito devoto e um grande cristão, muito caridoso e liberal com os pobres”*, segundo Oviedo retoma o empreendimento e dá aos edifícios a sua forma definitiva.

A final quem era esta mulher generosa a quem apenas designavam por ***uma negra, uma morena?*** Tratava-se sem dúvida de uma escrava, apesar do princípio de tráfico de escravos não ter ainda começado. De facto havia um grande número de negros escravos na Andaluzia desde o fim do século XV. Eles eram trazidos diretamente da Guiné Portuguesa em navios castelhanos ou comprados nos mercados dos escravos portugueses. Eram muitos apreciados, considerados como prestadores de serviços e joiais. Parece assim que os primeiros africanos tenham chegado à América muito cedo com seus donos conquistadores ou colonos. Tal terá sido provavelmente o caso da nossa heroína. O sucesso desses escravos modelos, devotos, eficazes tanto no trabalho como na guerra, resistentes às doenças iria – triste recompensa – conduzir a um dos mais gigantescos empreendimentos de deportação da História. O próprio Las Casas, generoso e muito ocupado na defesa dos índios faz ressaltar que os Negros forneciam o dobro do trabalho. Eles pareciam representar o remédio milagre de uma colonização difícil. Se ainda sobrassem alguns escrúpulos, os Espanhóis não são responsáveis pela sua captura, como o faz notar o jurista Juan Solórzano, *“eles capturam-se uns aos outros, e os capturados são vendidos em seguida aos portugueses que nos enviam”*.



Texto extraído do livro **“La femme au temps des Conquistadores”**, de Catherine Delamarre e Bertrand Sallard, Edição Stock Pernoud, 1992